



O cirurgião pediátrico José Bahia (à esquerda) começou a cantar aos 15 anos de idade e já dividiu o palco com o ídolo Cauby Peixoto

# A música e a medicina

ALICE SANTIAGO

A entrevista começa ao som da canção “fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho” (Wave, de Tom Jobim). Com uma voz forte e afinada, que ganhava o reforço do seu filho mais velho, ele se responsabilizava por receber e embalar amigos e familiares no almoço em comemoração ao aniversário do seu primogênito: Pedro Américo. Para acompanhar, além de uma maniçoba trazida do município de Santo Amaro, o cenário era composto por mais um músico, com teclado e saxofone.

Quem lê essa história dificilmente vai imaginar que o protagonista é um médico, de 83 anos de idade, com mais de cinco décadas de experiência no currículo. Doutor José Raimundo Bahia Sapucaia conta que começou a cantar ainda na adolescência, aos 15 anos de idade. Membro de uma família com influência musical, ele conta que todas as sextas-feiras se reunia com os parentes, em Brotas, para um sarau.

Na verdade, ser cantor não estava nos planos de Dr. José Bahia. Ele, que se firmou na área de cirurgia pediátrica, revela que queria tocar um instrumento, mas, como outros membros da família já assumiam muito bem essa função, o microfone era uma espécie de plano B. “Como não tinha jeito, eu acabava cantando”. No entanto, a sua formação musical não deixou a desejar. Uma tia, que cantava em óperas, lhe ensinou técnicas de canto. E assim ele mergulhou nas melodias.

Ainda assim, a música era apenas um dos hobbies - certamente o melhor de todos - de José Bahia. Apesar da influência da tia cantora, ele optou por seguir a carreira do tio Álvaro Pontes Bahia, médico idealizador do Hospital Martagão Gesteira, conhecido como Hospital das Crianças. “Lembro-me dele dizendo: ‘Vamos lá ao meu hospital pra você conhecer onde irá trabalhar’”, recorda o cirurgião, saudoso.

Segundo Dr. Bahia, depois da morte do tio, em

1964, antes mesmo da inauguração do Martagão Gesteira, ser médico era muito mais do que uma questão de solidariedade. “Achei que seguir a pediatria e trabalhar no hospital, que ele lutou 15 anos para inaugurar, era um dever meu, de solidariedade e amor por um tio que eu gostava como se fosse um pai”, afirma ele.

Mesmo seguindo firme os passos do tio, José Bahia nunca deixou de se dedicar à música. Entre um atendimento e outro (muitas vezes durante o próprio procedimento) lá estava ele cantarolando. “A música me dá tranquilidade. Quando as mães vão ao hospital, em busca de tratamento para seus filhos, elas também querem alento. E quando nós conversamos com os pacientes temos que dar amor, carinho, alegria. Isso engrandece a medicina”, salienta.

E engana-se quem pensa que seu talento musical não lhe rende boas recordações. Carlos Lacerda, um médico amigo de Dr. Bahia, que era maestro e pianista, chegou a convidá-lo para cantar com sua orquestra. “Cheguei em casa cantando do convite e me questionaram, dizendo que eu era um médico e não podia ficar cantando nas noites. Acabei desistindo desse projeto”, relata o cirurgião, sorrindo.

Mas reações como essa não o impediram de levar a música por onde passa. Dr. Bahia garante que não deixa de lado nenhuma das suas paixões, nem a música e nem a medicina. Consumido por uma agenda profissional intensa, ele sempre consegue um espaço para a arte, seja em casa nos fins de semana, nos encontros com os amigos ou até mesmo nos bares pelo Brasil. Sim! Ele tem muitas histórias de encontros e cantorias com artistas renomados.

Um dia, em uma viagem para o Rio de Janeiro, o cirurgião foi parar no palco da Boate Drink com nada menos do que um dos maiores in-



A música me dá tranquilidade. Quando as mães vão ao hospital, em busca de tratamento para seus filhos, elas também querem alento

térpretes musicais do país: Cauby Peixoto. “Foi uma realização fantástica cantar com Cauby”. E o seu momento de fama não termina aí. O cirurgião conta que já dividiu o microfone com as cantoras Ângela Maria e Elizeth Cardoso. Hoje, é “figurinha carimbada” nos congressos de cirurgia pediátrica. “Os colegas sempre brincam: Dr. Bahia vai cantar!”, conta ele, orgulhoso.

## ESTILO

Apesar de garantir ter um gosto musical “bastante eclético”, Dr. José Bahia não esconde seu lado apaixonado: “Gosto de músicas românticas”, resume ele, cantando: “*Acaricia mi ensueño el suave murmullo de tu suspirar. Como ríe la vida si tus ojos negros me quieren mirar*”, de Carlos Gardel, um dos mais famosos cantores de tango da história. No entanto, o cantor e ator norte-americano Frank Sinatra é quem leva o título de ídolo do cirurgião. “Para mim, ele é um exemplo de grande profissional e intérprete”.

Orgulhoso, Dr. José Bahia conta que já gravou um CD, chamado Best Seller, lançado em 2000. O álbum conta com 12 músicas românticas de Antônio Carlos e Jocaí, lançado em 2000. Segundo ele, ao todo, foram cinco mil cópias vendidas, que nem chegaram a ir para as lojas. Enquanto seu sonho de gravar um disco com canções de Frank Sinatra não é concretizado, ele vai cantando e encantando a todos.



Pedro Américo, filho mais velho do cirurgião, canta com o pai em sua festa de aniversário